

Líderes eclesiásticos do primeiro bispado mineiro: 1749 a 1904

Ecclesiastical leaders from Minas Gerais first bishopric: from 1749 to 1904

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v6i2.34664>

Marcus Vinícius Pereira das Dores

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo – com bolsa da CAPES. Realizou, em 2020, estágio de doutorado junto ao Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS) da Universidade de Évora, Portugal. É mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais e graduado em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto.

E-mail: marcusdores@usp.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9742-0903>

RESUMO

O presente trabalho visa a apresentar breves biografias dos bispos da diocese de Mariana do período de 1749 a 1904. Nosso contato com essas figuras episcopais se deu durante a nossa pesquisa de mestrado, em que editamos parte do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* – bem integrante do Programa Memória do Mundo da UNESCO. Utilizamos, como fundamentação histórica deste artigo, trabalhos relacionados à história mineira, de modo destacado alguns trabalhos do historiador e memorialista mineiro Cônego Raimundo Otávio Trindade. Os bispos de Mariana, administradores do primeiro episcopado mineiro, testemunharam e/ou fizeram parte de diversos fatos históricos de Mariana, de Minas Gerais e até do Brasil. Neste artigo, são apresentados também os brasões e as imagens dos bispos aqui elencados.

Palavras-chave: Diocese de Mariana (MG). Bispos mineiros. Biografia.

ABSTRACT

This research aims at presenting brief biographies of Mariana Diocese's bishops from 1749 to 1904. Our contact with these episcopal figures was developed during our Master's research, when we edited part of the manuscript document entitled *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* – an important asset which is part of the Brazilian National Register of the World Memory Program of UNESCO. As a historical grounding for our text, we use researches related to Minas Gerais history, focusing on some works by Minas Gerais historian and memorialist Canon Raimundo Otávio Trindade. The bishops from Mariana, who managed Minas Gerais first episcopate, witnessed and/or were part of several historical facts involving Mariana, Minas Gerais and even Brazil. In this paper, insignias and paintings concerning the bishops are also presented.

Keywords: Mariana Diocese. Minas Gerais bishops. Biography.

Introdução

Em nossa pesquisa de mestrado, editamos, segundo critérios filológicos, parte do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana (1749-1904)*¹. Esse documento manuscrito, custodiado pelo Arquivo Eclesiástico Dom Oscar de Oliveira², registra, no intervalo temporal de 1749 a 1904³, todo o patrimônio móvel da igreja principal da (arqui)diocese de Mariana (Minas Gerais, Brasil).

Ao analisar o manuscrito, é possível verificar o número de inventários feitos durante o governo episcopal de cada bispo (conferir no Quadro 1) e durante o período de vacância⁴ da diocese.

1º	1749	Fls. 1 a 9		10º	1810	Fls. 79 a 91	D. Frei Cipriano de São José
2º	1752	Fls. 10 a 20	D. Frei Manuel da Cruz	11º	1821	Fls. 92 a 101	D. Frei José da Santíssima Trindade
3º	1759	Fls. 20 a 24		12º	1834-1835	Fls. 102 a 124	
4º	-	Fls. 25 a 28		13º	1839	Fls. 124 a 137	Sé vacante
5º	1767	Fls. 28 a 38		14º	1843	Fls. 138 a 150	
6º	1790	Fls. 38 a 54	D. Frei Domingos da Encarnação Pontevel	15º	1847	Fls. 151 a 162	D. Antônio Ferreira Viçoso
7º	1792	Fls. 55 a 57		16º	1870	Fls. 163 a 170	
8º	1793	Fls. 57 a 63		17º	1882	Fls. 171 a 184	D. Antônio Maria Correia de Sá e Benevides
9º	1803	Fls. 64 a 78	D. Frei Cipriano de São José	18º	1904	-	D. Silvério Gomes Pimenta

Segundo Acioli, “o documento manuscrito é considerado a mola-mestra da História, [...] representando o melhor testemunho do passado, fonte direta de informação básica para o estudo da História”⁵. Tendo em vista essa citação, neste artigo, partindo do *Livro de Inventários para a Catedral de Mariana*, apresentaremos um pouco da vida dos líderes episcopais da diocese de Mariana-MG, no período de registro do referido manuscrito.

¹ Arquivo Eclesiástico Dom Oscar de Oliveira, “Livro de Inventários da Catedral de Mariana (1749-1904)”, Minas Gerais, Inventário, P16.

² Anteriormente conhecido como Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana (AEAM).

³ Há um documento de data posterior a 1904, que trata dos bens de uma extinta capela – a capela de Santo Antônio – da cidade de Mariana, anexo ao *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*. Recentemente, publicamos uma edição desse anexo na Seção Fontes Primárias da Revista LaborHistórico. (Ver: DORES, 2019b).

⁴ Período no qual a diocese encontra-se sem um bispo como líder religioso. A Sé pode estar vaga por falecimento, transferência ou renúncia do bispo titular.

⁵ ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. 2. ed. Recife: UFPE/Massangana, 2003, p. 1.

Primeiramente, vale destacar que, na Igreja Católica, o bispo exerce a função de líder religioso e administrador da diocese. Sobre o período de criação da diocese de Mariana, Santos (2013, p. 23) destaca que

a compreensão da Igreja colonial deve levar em conta o episcopado, no topo da cadeia hierárquica eclesial. [...] A instituição não se dissocia da interpretação dos imperativos da colonização. Os agentes religiosos atuaram em diferentes circunstâncias políticas, nas quais a Coroa elegia os critérios para proceder às nomeações episcopais.

Percebe-se, portanto, que a figura do bispo, dentro de uma diocese é de grande importância.

No Brasil, durante o período colonial, os bispos que governavam as dioceses instaladas na colônia eram escolhidos pela Coroa portuguesa e, em seguida, confirmados pelo Papa. Isso garantia ao rei mais um ponto de controle no território colonial. Prova desse controle é que “[p]or mais de meio século, o Brasil esteve sob a jurisdição do bispado do Funchal”⁶. Somente em 1551, o território brasileiro foi desmembrado da Arquidiocese do Funchal, com a criação da primeira sede episcopal em Salvador.

Por muito tempo, a região que hoje chamamos de Minas Gerais esteve sob jurisdição religiosa da diocese do Rio de Janeiro. Segundo Santos, “[a] Jurisdição sobre a região, disputada pelos Bispos da Bahia e do Rio de Janeiro, ficara, à base de gritaria, para o Bispo fluminense, até a elevação de Mariana a cidade e sede do Bispado”⁷.

A criação da diocese de Mariana – primeiro bispado mineiro – ocorreu com a publicação da *Bula Candor Lucis Aeternae*, em 6 de dezembro de 1745. Nesse documento, o Papa Bento XIV registra o seguinte:

[...] Desta forma, a Nós foi há pouco exposto pelo dileto filho Manoel Pereira Sampaio, Comendador da Milícia de Nosso Senhor Jesus Cristo e Encarregado dos Negócios do Reino de Portugal entre Nós e a Santa Sé, que, se este episcopado tão dilatado viesse a ser dividido (assim:) em uma diocese do Rio de Janeiro, que já existe, e o restante em bispados distintos, com seus respectivos bispos e pastores, um na Cidade de São Paulo e outro na de Mariana [...].⁸

⁶ VILLALTA, Luiz Carlos. A Igreja, a sociedade e o clero. In: RESENDE, Maria Efigenia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos. (Orgs.). *História de Minas: As Minas Setecentistas*. v. II. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007, p. 34.

⁷ SANTOS, Patrícia Ferreira dos. *Poder e palavra: discursos, contendas e direito de padroado em Mariana (1748-1764)*. Dissertação (Mestrado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007, p. 79.

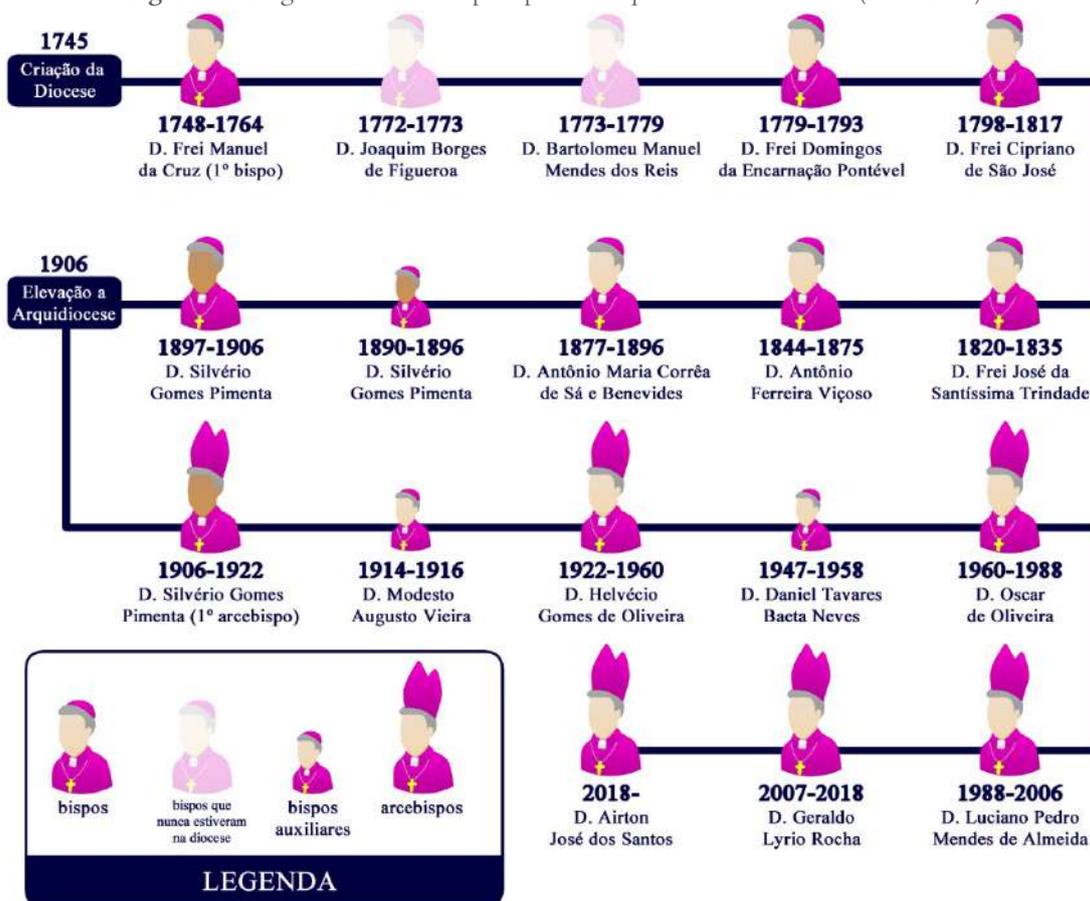
⁸ RODRIGUES, Flávio Carneiro. *Os Relatórios Decenais dos Bispos de Mariana enviados à Santa Sé*. 3. ed. Mariana: Dom Viçoso, 2005, p. 35-44.

Rocha (2018) aponta três motivos para a escolha da vila de Nossa Senhora do Carmo (atual cidade de Mariana) para ser sede do primeiro bispado mineiro:

Os motivos da escolha de Mariana para sede do novo bispado foram apresentados pelo cronista do panegírico intitulado *Áureo Trono Episcopal*, elaborado por ocasião da entrada solene de Dom Frei Manuel da Cruz, primeiro bispo de Mariana. A primeira é de natureza cronológica, pois a vila de Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo é a mais antiga povoação da região mineradora e aqui foi erguida a primeira capela. A segunda razão é de ordem política, talvez a mais determinante, pois a fidelidade para com a coroa portuguesa pode ter sido recompensada com o trono episcopal. A terceira razão é de ordem geográfica, pois a vila do Ribeirão do Carmo fica no meio, no coração do território da nova diocese.⁹

Desde a sua fundação, a diocese de Mariana foi administrada por nove bispos e seis arcebispos, além de três bispos auxiliares, conforme a Figura 1. A transição de diocese para arquidiocese ocorreu no episcopado de Dom Silvério Gomes Pimenta em 1906.

Figura 1 – Diagrama dos líderes episcopais da Arquidiocese de Mariana (1745-2018).



Fonte: Dores (2019a).

⁹ ROCHA, Geraldo Lyrio. Apresentação de Dom Geraldo na sessão de acolhida a Dom Airton. 2018, s/p.

Durante o período de 1749 a 1904, faixa temporal registrada no *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*, a diocese de Mariana contou nove líderes episcopais. Cada um, a sua maneira, passou pelo primeiro bispado mineiro e deixou marcas significativas para história da Arquidiocese de Mariana, de Minas Gerais e até para a história do Brasil.

A seguir, apresentaremos breves biografias de cada líder episcopal que passou pela diocese de Mariana, desde a sua criação até 1904. Nosso objetivo é apresentar uma síntese da narrativa dos governos dos bispos de Mariana assentado nas obras do Cônego Raimundo Trindade. Cabe destacar que as datas referidas para o início dos governos episcopais dizem respeito à tomada de posse do bispado por parte dos titulares e não à nomeação deles.

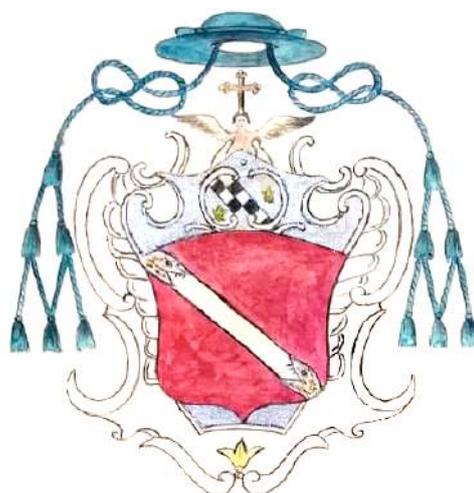
Os bispos de Mariana

1. Dom Frei Manoel da Cruz (1748-1764)¹⁰

Figura 2 – Pintura e brasão de Dom Frei Manoel da Cruz



Fonte: Nitro Imagens Ltda
/ Leo Drumond



Fonte: Centro de Documentação do Instituto
Histórico e Geográfico de Minas Gerais

O primeiro bispo da diocese de Mariana foi Dom Frei Manoel da Cruz, doutor em teologia¹¹. Nasceu aos 5 de fevereiro de 1690, tornou-se padre, pelas mãos do bispo de Coimbra, Dom Antônio

¹⁰ Cf. DORES, 2019a, p. 18-19.

de Vasconcelos, em 28 de fevereiro de 1712. Segundo Trindade, “Dom João V, ‘tendo certeza de sua modéstia e ciência’, nomeou-o bispo do Maranhão, no referido ano de 1738”.¹² Depois de liderar a diocese de São Luiz do Maranhão por, aproximadamente, sete anos, Dom Frei Manoel foi nomeado bispo de Mariana.

Dom Frei Manoel da Cruz carregava consigo o espírito dos jacobitas¹³. Segundo Araujo (2016, p. 46), os jacobitas consideravam “que a reforma dos indivíduos e das instituições era possível através do seu exemplo, portanto, era necessário que se distinguissem dos demais”.

Sua posse da diocese de Mariana aconteceu por meio de uma grande festa registrada em vários textos coevos, o *Áureo Trono Episcopal*.¹⁴ Sobre essa entrada triunfal Santos descreve:

No dia do cortejo, o bispo surgiu magnificamente paramentado, sobre um imponente cavalo, em procissão que desceu a ladeira da antiga igreja de São Gonçalo, desfilando sobre tapetes de flores diante de janelas ornadas. Ostentando fulgurantes símbolos da autoridade apostólica, era guarnecido pelos representantes do rei, que vinham a pé. A cena não era nada inocente – representava o padroado real ultramarino. Sucedia-se, no cortejo, um rico e extenso desfile de emblemas, que referiam a legitimidade episcopal. Os elementos da festa compunham uma rica narrativa que dramatizava a harmonia entre Estado e Igreja e o grande mote da expansão colonial: a evangelização dos gentios do Novo Mundo.¹⁵

Logo após sua posse, Dom Frei Manoel da Cruz realizou medidas normalizadoras. Kantor (2004, p. 231) destaca as seguintes:

proibiu-se que os padres andassem pelas ruas à noite, que celebrassem missas de chinelos ou sem vestir a batina, exigiu-se rigor maior na ordenação de novos sacerdotes, promulgou-se uma nova tabela de preços dos serviços religiosos e, principalmente, definiu-se o regimento da comarca eclesial.

¹¹ Segundo Araujo (2016, p. 44), “O diploma de doutor em teologia certamente pesou na construção da carreira do frei, pois a partir de 1732 passou a ocupar cargos de relevo em institutos de formação religiosa da sua ordem. Foi abade do Colégio do Espírito Santo, em Coimbra, que desde 1560 estava vinculado a famosa Universidade. Em 1736 passou a ser Mestre de Noviço no Real Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, ocupou também a reitoria do Colégio Real de Santa Maria de Salzedas, local onde iniciou sua carreira religiosa, e, além disso, foi deputado do Santo Ofício no Tribunal Distrital de Évora.”

¹² TRINDADE, Cónego Raimundo. *Arquidiocese de Mariana: subsídios para sua história*. 2. ed., 1 v. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1953, p. 91.

¹³ Ainda segundo Araujo (2016, p. 46), “[a] jacobita visava uma reforma dos costumes e o desenvolvimento de uma fé que não estivesse ligada apenas às manifestações exteriores, mas preocupava-se em ‘estabelecer uma clara distinção entre eles e os outros, através de sinais visíveis de austeridade e piedade’”.

¹⁴ Cf. ÁVILA, Affonso. *Resíduos Seiscentistas em Minas: textos do século do Ouro e as projeções do mundo barroco, a academia cultista do Áureo Trono Episcopal e a Festa do Triunfo Eucarístico*. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 2006.

¹⁵ SANTOS, Patrícia Ferreira dos. A Coroa e a Mitra no espaço público: representação de poder nas festas e cerimônias litúrgicas do século XVIII em Minas Gerais. *Horizonte*, v. 9, n. 20, 2011, p. 68.

Como líder da primeira diocese mineira, também instituiu o culto ao Coração de Jesus, criou o cabido diocesano, multiplicou o número de paróquia da diocese, concluiu a reforma da Catedral e acrescentou a ela alguns itens importantes como o órgão alemão *Arp Schmitger*, criou o Seminário de Mariana (1750), ordenou cerca de 230 padres, entre outros feitos. Além da administração eclesial, o bispo de Mariana também prezava pelos serviços que ele deveria prestar à nação portuguesa. Segundo Trindade (1953, p. 119), “[e]m várias pastorais procurou [o bispo] convencer os mineiros da obrigação de pagar o fisco. Declarou pecado mortal o não pagamento do quinto [...]”.¹⁶

Quase por completar 74 anos, após passar por um longo período enfermo, Dom Frei Manoel da Cruz faleceu em 3 de janeiro de 1764, na cidade de Mariana, onde foi enterrado:

O primeiro bispo de Mariana teve funerais soleníssimos, sendo sepultado na catedral, no carneiro do meio. Na lousa que cobria a sua sepultura lia-se este epitáfio: Hic jacet Dominus Domnus Frater Emmanuel a Cruce / Religiosus Cisterciensis / Sacra Theologia Doctor / Episcopus Marananiensis // inde primus hujus Diocesis Mariannensis Episcopus annos quindecim, menses duos, dies septemdecim // vixit septuaginta quatuor / pie obiit die tertio Januarii / anno millesimo septingentesimo sexagesimo quarto.¹⁷

Dom Frei Manoel da Cruz, devido a seus grandes feitos, sempre foi respeitado e prestigiado tanto no Maranhão quanto em Mariana. Para Trindade, “a figura do primeiro Bispo de Mariana há de emergir majestosa das brumas incertas do passado para vir se entronizar na galeria dos mais eminentes bispos do Brasil”.¹⁸

Após a morte de Dom Frei Manoel da Cruz, a diocese de Mariana ficou em estado de vacância, ou seja, sem um líder bispo, por, aproximadamente, sete anos.

¹⁶ TRINDADE, Cónego Raimundo. *Op. cit.*, p. 119.

¹⁷ TRINDADE, Cónego Raimundo. *Op. cit.*, p. 144-145.

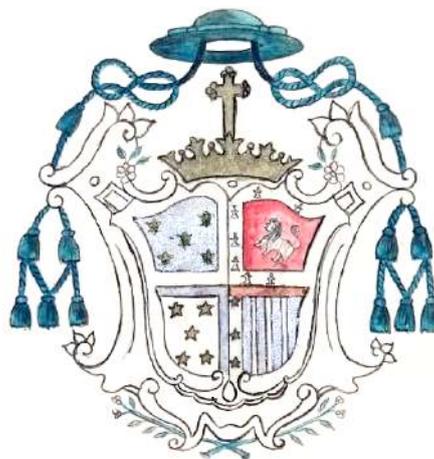
¹⁸ TRINDADE, Cónego Raimundo. *Op. cit.*, p. 100.

2. Dom Joaquim Borges de Figueroa (1772-1773)¹⁹

Figura 3 – Pintura e brasão de Dom Joaquim Borges de Figueroa



Fonte: Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Mariana



Fonte: Centro de Documentação do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais

Dom Joaquim, nobre natural de Lisboa, foi nomeado bispo da diocese de Mariana aos 17 de junho de 1771. Em 3 de fevereiro de 1772, tomou posse do bispado por meio de um procurador (Dr. Francisco Xavier da Rua), mas sequer chegou a pisar em solos mineiros. Dois meses depois, foi transferido para a Arquidiocese de São Salvador da Bahia, que também estava em vacância à época.

3. Dom Bartolomeu Manoel Mendes dos Reis (1773-1779)²⁰

Figura 4 – Pintura e brasão de Dom Bartolomeu Manoel Mendes dos Reis



Fonte: Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Mariana



Fonte: Centro de Documentação do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais

¹⁹ Cf. TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 146-147.

²⁰ Cf. TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 147-151.

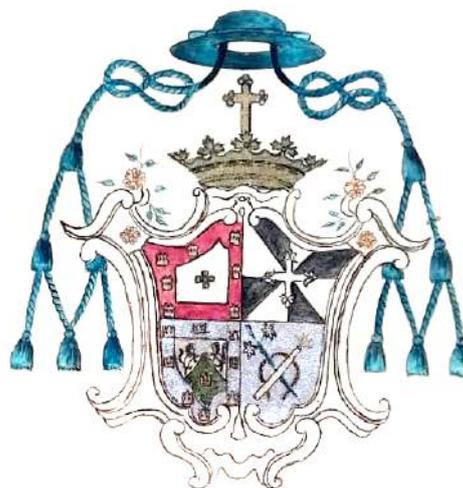
Dom Bartolomeu nasceu em Cercosa, pequena freguesia de Mangualde, aos 23 de agosto de 1720. Foi transferido de Macau para Mariana pelo Papa Clemente XIV em 8 de março de 1772. O terceiro bispo de Mariana, assim como o segundo, tomou posse do bispado por meio de procuradores (Dr. Francisco Xavier da Rua, 1773-1775; Dr. José Justino de Oliveira Gondim, 1775-1778; e Cônego Doutoral Inácio Correia de Sá, 1778-1779) e tampouco pisou no território marianense. De Lisboa, e com o auxílio dos seus procuradores, Dom Bartolomeu governou a diocese de Mariana por cinco anos. Renunciou o bispado em 1778. Morreu, em Lisboa, em 7 de março de 1799.

4. Dom Frei Domingos da Encarnação Pontével (1779-1793)²¹

Figura 5 – Pintura e brasão de Dom Frei Domingos da Encarnação Pontével



Fonte: Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Mariana



Fonte: Centro de Documentação do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais

Após 16 anos sem um bispo residente, por nomeação de Dona Maria I e por confirmação do Papa Pio VI, foi eleito o quarto bispo da diocese de Mariana. Como líder do bispado de Mariana, Dom Frei Domingos testemunhou diversos acontecimentos sociopolíticos, entre os quais destacamos a Conjuração Mineira, grande episódio da história colonial de Minas Gerais. Sobre essa questão, Trindade destaca a participação de cinco padres pertencentes ao clero marianense, “um dêles – vulto porventura mais saliente da conspiração – cônego do cabido e professor do Seminário Episcopal, não mereceu uma palavra do Bispo Diocesano”.²²

²¹ Cf. TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 151-160.

²² Cf. TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 152.

Dom Frei Domingos zelou pela diocese, ordenando cerca de 130 padres durante o seu episcopado. Morreu com fama de santo, como pode-se perceber nas palavras de Trindade, “[c]om a reputação de santo faleceu Dom Frei Domingos em Vila Rica, freguesia de Antônio Dias, a 16 de junho de 1793, aos setenta anos e sete meses de idade”.²³

5. Dom Frei Cipriano de São José (1798-1817)²⁴

Figura 6 – Pintura e brasão de Dom Frei Cipriano de São José



Fonte: Nitro Imagens Ltda
/ Leo Drumond



Fonte: Centro de Documentação do Instituto
Histórico e Geográfico de Minas Gerais

Dom Frei Cipriano de São José foi nomeado bispo de Mariana em um período em que a reputação da diocese estava bastante prejudicada na metrópole. Por gozar de reputação de austero e destemido, a Rainha apresentou ao Papa Pio VI a nomeação daquele que ainda era um frade franciscano para assumir o bispado de Mariana. Após confirmação do Papa, Frei Cipriano de José foi sagrado bispo em 31 de dezembro de 1797 e tomou posse da diocese, por meio de procurador, em 20 de agosto de 1798. Assumiu a cátedra que lhe pertencia em 30 de outubro de 1798, com entrada solene na Catedral de Mariana.

Entretanto, antes de assumir a diocese de Mariana, Dom Frei Cipriano estabeleceu algumas exigências:

²³ Cf. TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 153.

²⁴ Cf. Trindade (1953, p. 160-182).

Vinha [disse à rainha]; mas a soberana lhe daria carta branca e poder absoluto, não recebendo, nem despachando recurso algum de seus atos; trazia tudo quanto faltava à Sé e o que fôsse conveniente ao decôro de sua pessoa". Efetivamente assim foi que se arquivaram quantos recursos à coroa foram interpostos; a Rainha mandou para a Sé as alfaias e paramentos necessários [...].²⁵

Sobre os bens enviados pela Rainha, o *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* os registra da seguinte forma: “Ornamento que cresceram no tempo do Exmo. e Rvmo. Sr. Bispo Dom Frei Cipriano de São José, alguns dados pelo mesmo Exmo. Senhor”.

Durante o seu episcopado, reformou e melhorou, em alto custo, o palácio episcopal – hoje Museu da Música –, qualificou o Seminário de Mariana e ordenou 147 padres. Ainda durante o seu governo, noticiou a seu clero e a seus fiéis a chegada da Família Real no Brasil, a invasão de Portugal por Napoleão I e a prisão do Papa Pio VII. Nas palavras de Trindade, era um exímio escritor: “escrevia bem; não usava a horrenda linguagem em que, em geral, eram escritos os papéis oficiais do seu tempo”.²⁶

Aos 74 anos, decorridos os 18 anos do seu episcopado na diocese de Mariana, morreu, aos 14 dias de agosto de 1817, o sexto bispo de Mariana.

6. Dom Frei José da Santíssima Trindade (1820–1835)²⁷

Figura 7 – Pintura e brasão de Dom Frei José da Santíssima Trindade



Fonte: Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Mariana



Fonte: Centro de Documentação do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais

²⁵ Cf. TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 163.

²⁶ Cf. TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 176.

²⁷ Cf. TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 182–208.

Dom Frei José, natural da cidade do Porto, nasceu em 13 de agosto de 1762. Foi nomeado bispo de Mariana em 13 de maio de 1818 pelo rei Dom João VI, que, naquela época, ainda residia no Rio de Janeiro. Trindade apresenta a transcrição do Aviso régio de nomeação, que aqui reproduzimos:

Ilmo. Revmo. Sr. El-Rei Nosso Senhor, tendo em consideração os merecimentos, virtudes e mais partes que concorrem na pessoa do V. Rvma. houve por bem nomeá-lo Bispo de Mariana. O que participo a V. R. para que possa mandar tratar de suas habilitações e expedição de sua Bula de Confirmação. E por esta Secretaria de Estado dos Negócios do Reino se há de expedir a Carta Régia na forma costumada. Deus guarde a V. Rvma. Palácio do Rio de Janeiro em 13 de maio de 1818. Tomaz Antônio de Vila Nova Portugal – Sr. Frei José da Santíssima Trindade.²⁸

Tendo sua nomeação confirmada pelo Papa Pio VII, em 27 de setembro de 1819, Frei José da Santíssima Trindade foi ordenado bispo e, quase um ano depois, em 8 de agosto de 1820, entrou solenemente na Catedral da Sé de Mariana.

Logo que chegou a Mariana, Dom Frei José focou energia na reforma do Seminário, à época fechado e em ruínas, e em realizar visitas pastorais na sua diocese. Participou também da sagração do primeiro Imperador do Brasil, a quem, segundo Camêllo, “o Bispo muito admirava”.²⁹ Ainda durante o seu episcopado, auxiliou na construção do Cemitério de São Gonçalo em Mariana e lutou pela conservação da fé católica. Sobre essa última questão, Trindade registra que o bispo “[previ]nia] os fiéis contra determinados perigos que lhes ameaçavam a fé, a saber, certos folhetos de marca protestante que circulavam, em especial: *A Fonte da Verdade ou Caminho para a Virtude* e *Carte de Rayllerani ao Papa Pio 7º*”.³⁰ Como líder da diocese de Mariana, ordenou cerca de 140 sacerdotes.

Conforme afirma Camêllo, Dom Frei José

viveu momentos de tensão provocada pelos liberais e conservadores. O próprio Seminário foi palco de grandes litigâncias da parte de padres professores discordantes das orientações de certa forma conservadoras do Ordinário. Um dos casos emblemáticos foi o do padre Antônio Ribeiro Bhering exonerado da cadeira de Filosofia pelo Bispo por ensinar ‘conteúdos infectos’ aos alunos.³¹

O sexto bispo de Mariana ainda testemunhou a proclamação da Independência do Brasil no dia 7 de setembro de 1822.

²⁸ TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 183.

²⁹ CAMÊLLO, Roque. *Mariana – assim nasceram as Minas Gerais: uma visão panorâmica da História*. Belo Horizonte: Nitro, 2016, p. 135.

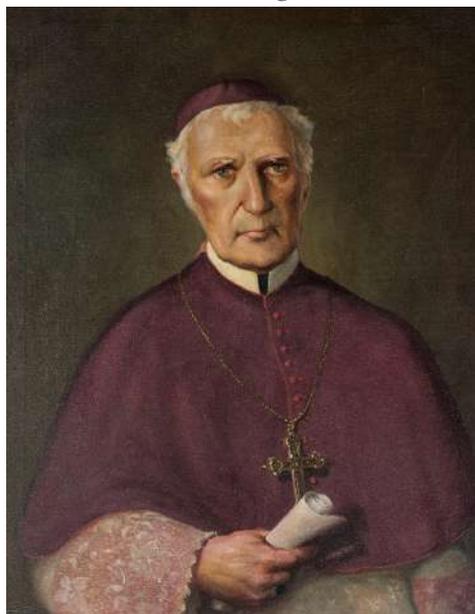
³⁰ TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 189, grifos do autor.

³¹ CAMÊLLO, Roque. *Op. cit.*, p. 140.

Após passar por longa enfermidade, o fim do episcopado de Dom Frei José deu-se em 28 de setembro de 1835 com a sua morte.

7. Dom Antônio Ferreira Viçoso (1844-1875)³²

Figura 8 – Pintura e brasão de Dom Antônio Ferreira Viçoso



Fonte: Nitro Imagens Ltda
/ Leo Drumond



Fonte: Centro de Documentação do Instituto ~
Histórico e Geográfico de Minas Gerais

Após sofrer a mais desastrosa vacância pela qual já passou a diocese de Mariana, em 7 de janeiro de 1843, o Papa Gregório XVI recebe a nomeação do padre Antônio Ferreira Viçoso para bispo de Mariana e o confirma no mesmo mês e ano. Como era de costume, Dom Viçoso também assumiu a diocese por meio de um procurador e sua entrada festiva na Catedral de Mariana e efetiva posse do áureo trono episcopal aconteceu em 16 de junho de 1844. Trindade relata esse episódio da seguinte maneira:

[...] foi uma das grandiosas festas que se não presenciado em Minas. [...] Vinha o Bispo de liteira, seguido do presidente da província, câmara municipal, empregados públicos, crescido número de pessoas gradas, cortejo brilhante que mais e mais se engrossa ao acercar-se de Mariana. [...] Não eram exageradas tão ruidosas demonstrações de alegria. Minas abria os braços a um velho amigo benfeitor, mestre de muitos de seus mais ilustres filhos, missionário que havia levado, com a palavra de Deus, a paz e o conforto da fé a muitas de suas paróquias. Minas não recebia um desconhecido.³³

³² Cf. TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 216-251.

³³ Cf. TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 218-219.

Ao tomar as rédeas do governo da diocese de Mariana, Dom Viçoso precisou efetuar uma reforma do clero e do seminário diocesano, visto que a maioria dos padres e seminaristas viviam como se fossem casados: “O ‘colendo’ Cabido da Catedral era com poucas, mas honrosas exceções, composto de padres públicamente amasiados. [...] O Seminário em Sé vaga estava de tal jeito que os alunos saíam de noite para as casas de amásias que tinham na cidade [...]”.³⁴ Ainda segundo Trindade “para o clero que ia formar deu-lhe para aquêles tempos o melhor seminário do Brasil; para o velho clero, estragado pela ruindade dos tempos, teve a solicitude comovedora de um pai”.³⁵

A vasta documentação guardada pelo Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana (AEAM) atesta que o episcopado de Dom Viçoso foi marcado por grandes benfeitorias sociais, sobretudo, durante as suas visitas pastorais. Assentou, de vez, em Minas Gerais, os Padres Lazaristas e fundou o Colégio do Caraça. Juntamente com os padres Lazaristas, trouxe, para Mariana, as Filhas da Caridade de São Vicente de Paula, que, na cidade, fundaram o Colégio Providência, instituição que sobrevive a mais de 170 anos. Consagrou bispo cinco padres brasileiros e ordenou mais de 300 padres. Com zelo pela igreja principal do bispado mineiro, Dom Viçoso ainda conquistou, para a Catedral, valiosos paramentos litúrgicos, registrados no *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*.

A biografia de Dom Viçoso registra a concordância dele com abolição da escravidão, inclusive negando-se a ordenar padres que fossem proprietários de escravos ou que não aceitassem alforriá-los. De acordo com Trindade, “Dom Viçoso muito se esforçou por suavizar a sorte miserável dos escravos de sua diocese. Foi sempre contrário à execrável instituição, e muito se alegrou quando percebeu que se iniciava no Brasil o movimento em favor da abolição”.³⁶

Dom Viçoso morreu depois de 31 anos dedicados ao bispado de Mariana, aos 89 anos de idade. Trindade escreve que “foi por tôda a diocese uma consternação profunda; foi em Mariana um choro convulsivo, principalmente dos pobres, de quem se acaridou sempre Dom Viçoso com o mais compassivo enternecimento”.³⁷

Atualmente, corre, em Roma, o processo de canonização e posterior beatificação de Dom Antônio Ferreira Viçoso, que já possui, por meio de um processo concluído em nível diocesano e ratificado pela Congregação para a Causa dos Santos, o título de Servo de Deus.

³⁴ TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 221.

³⁵ TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 223.

³⁶ TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p.233.

³⁷ TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 236.

8. Dom Antônio Maria Corrêa de Sá e Benevides (1877-1896)³⁸

Figura 9 – Pintura de Dom Antônio Maria Corrêa de Sá e Benevides



Fonte: Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Mariana

Dom Antônio Maria Correia de Sá e Benevides nasceu em Campos dos Goytacazes em 23 de fevereiro de 1836. Descendente de altos dignitários da casa imperial, o oitavo bispo da diocese de Mariana, primeiro brasileiro a ocupar esse posto, foi nomeado pela Princesa Isabel (regente na ausência de D. Pedro II) em 28 de dezembro de 1876 e confirmado pelo Papa Pio IX em 25 de junho de 1877.

Dom Benevides tomou posse da diocese por meio de um procurador³⁹ e fez sua entrada solene na Catedral de Mariana em 17 de novembro de 1877. Segundo Trindade, “[c]om festas muito filiais e muito carinhosas foi acolhido o novo bispo”.⁴⁰ Já no início do seu episcopado, Dom Benevides trabalhou em obras espirituais e na restauração da disciplina eclesíastica. Mais tarde, foi acometido por uma grande paralisia que o deixou inválido por mais de 12 anos. “A Providência [Deus] prodigalizando-lhe dotes magníficos de ciência e de piedade, negou-lhe saúde vigorosa”.⁴¹ Durante

³⁸ Cf. TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 252-288.

³⁹ O Vigário-Capitular Padre Silvério Gomes Pimenta, posteriormente, bispo auxiliar da diocese de Mariana, sucessor de Dom Benevides na diocese e primeiro arcebispo de Mariana.

⁴⁰ Cf. TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 255.

⁴¹ Idem.

esse longo período, Dom Benevides contou com o auxílio de um amigo próximo, o Padre José Silvério Horta (mais conhecido, atualmente, na região da Arquidiocese, como Monsenhor Horta), para realizar diversas tarefas, até as mais básicas.

Entre os feitos de Dom Benevides podemos destacar a volta do Seminário Maior, que estava funcionando no Caraça, para Mariana e a criação do Externato Episcopal, que, nas palavras de Trindade, tinha os objetivos de descongestionar o Seminário e acolher “em auxílio à mocidade desvalida da diocese”.⁴² Sob o governo de Dom Benevides, segundo o *Livro de Inventários da Catedral* e segundo Trindade, “foi a Sé enrouquecida de muitas alfaías preciosas, mandadas vir para serem inauguradas na Semana Santa desse ano [1881], soleníssima por haver sido realçada com a presença do Imperador”.⁴³ Foi ainda no tempo de Dom Benevides que as regiões de Mariana e dos Inconfidentes⁴⁴ receberam a notícia da abolição da escravidão:

O episcopado de Dom Benevides ficou assim distinguido com a contemporaneidade da revolução social de maior magnitude e alcance que, tão nobremente realizada como foi em nossa Pátria, se registra na história do mundo. Dom Benevides teve a consolação de ver no período de seu govêrno incorporarem-se na população brasileira milhares de cidadãos, elevados de escravos à dignidade de homens [...].⁴⁵

E também receberam a notícia da Proclamação da República: “[a] 18 de novembro de 1889, já havia Dom Benevides recebido tôdas as comunicações oficiais relativas à proclamação da República”.⁴⁶

Devido à enfermidade de Dom Benevides, a diocese de Mariana passou a contar com um bispo auxiliar, Dom Silvério Gomes Pimenta, que era também, naquela época, bispo de Câmago⁴⁷. De acordo com Trindade, como “[s]imples Vigário-geral, vinha Mons. Silvério, desde 1887, nas repetidas ausências que a míngua de saúde impunha a Dom Benevides, exercendo, como governador, a administração episcopal”.⁴⁸ Portanto, Dom Silvério era conhecedor, como ninguém, das pessoas e dos assuntos da diocese.

⁴² TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 257.

⁴³ TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 264.

⁴⁴ “O sintagma Região dos Inconfidentes corresponde a uma construção discursiva que contém elementos do espaço geopolítico e da história, delimitados por marcas da vida coletiva através do tempo. Como índices de convivência da coletividade, trata-se de uma região mundialmente conhecida pela riqueza do seu patrimônio cultural.” (MENEZES; FLAUSINO; MENEZES, 2015, p. 17).

⁴⁵ TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 274.

⁴⁶ TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 275.

⁴⁷ Câmago é uma diocese extinta que foi dada como titular para Dom Silvério enquanto ele era bispo auxiliar de Mariana. Até hoje, os bispos auxiliares recebem, além do cargo de auxiliar, um título de “bispo titular” de alguma cidade na qual muitas vezes nem residem.

⁴⁸ TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 259.

Dom Benevides não se cansava de enaltecer a figura daquele que viria a ser o seu sucessor no bispado de Mariana. Em ofício de 22 de janeiro de 1888, ao Barão de Cotegipe, Ministro do Império, Dom Benevides destaca:

Mons. Silvério Gomes Pimenta, Cônego Arcipreste da Catedral, talento superior, *muito versado nas letras profanas e eclesiásticas. Escreve o latim com a mesma facilidade e elegância com que escreve o português. Sabe Grego, e Hebraico, e nesta última língua recitou um discurso a S. M. o Imperador. Sabe, além disso, Francês, Inglês e Alemão. É muito instruído nas ciências teológicas. Serviu de Vigário-capitular de 1875 a 1877 e de então até hoje tem servido como Vigário-Geral com o maior fruto para a diocese de Mariana, tendo sempre merecido, tanto da Santa Sé, como do govêrno imperial, inequívocas provas do aprêço em que o têm, como se depreende do título de Prelado Doméstico de Sua Santidade e da comenda de Cristo com que foi agraciado. Em virtudes e zêlo nenhum sacerdote o excede. Tem quarenta e nove anos, está enfraquecido pelo trabalho e pelo estudo. Não devo ocultar que êste ótimo sacerdote é de côr parda, mas filho legítimo de uma honrada família.*⁴⁹

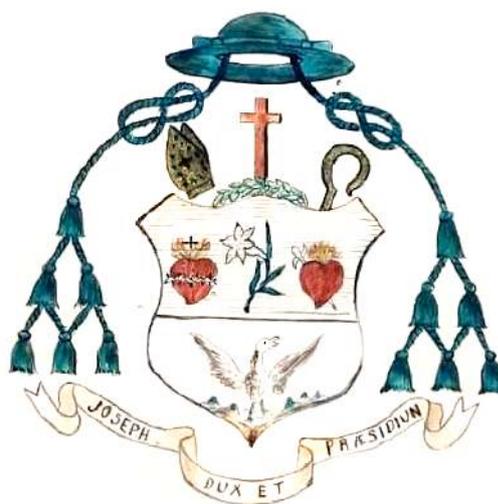
Dom Antônio Maria Correia de Sá e Benevides, depois de quase 20 anos no trono episcopal marianense, morreu em 15 de junho de 1896.

9. Dom Silvério Gomes Pimenta (1897-1922)⁵⁰

Figura 10 – Pintura e brasão de Dom Silvério Gomes Pimenta



Fonte: Nitro Imagens Ltda
/ Leo Drumond



Fonte: Centro de Documentação do Instituto
Histórico e Geográfico de Minas Gerais

⁴⁹ TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, p. 263, grifos nossos.

⁵⁰ Cf. TRINDADE, Cônego Raimundo. *Arquidiocese de Mariana: subsídios para a sua história*. 2. ed. 2 v. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1955, p. 227-323.

Antes de falecer, Dom Benevides havia recomendado ao Núncio Apostólico do Brasil que Dom Silvério fosse o seu sucessor no governo da diocese. A seguir, replicamos parte da carta enviada ao Núncio transcrita em Trindade:

Aproveito esta oportunidade para manifestar a V. Excia. Rvma. o desejo que eu tenho que o meu Coadjutor seja declarado com futura sucessão. Se não fôr bastante esta declaração de minha vontade, estou pronto para fazê-la do modo por que V. Excia. Rvma. me indicar. Prevaleço-me ainda desta ocasião para significar a V. Excia. Rvma. o meu sincero reconhecimento por todos os favores que se dignou de dispensar ao mesmo Sr. Bispo de Cãmaca durante a sua estada nessa cidade de caminho para a Europa e que tão profundamente o penhoraram.⁵¹

Dom Silvério Gomes Pimenta, negro⁵², nasceu aos 12 de janeiro de 1840, em Congonha do Campo (àquela época freguesia pertencente ao município de Ouro Preto). Proveniente de uma família muito simples, quando criança, passou por várias dificuldades para conseguir estudar:

[c]omeçou o estudo lutando com dificuldades acima de comuns, não tendo muitas vezes o que almoçar, e sendo sua casa distante do Santuário quase dois quilômetros, era obrigado a sair em jejum para o colégio e voltar ao meio dia para ir ainda se alimentar à casa de algum parente e tornar às aulas três horas da tarde.⁵³

Por muitas vezes, inclusive para ir para o seminário, contou com o apoio do seu padrinho Dom Viçoso. Trindade aponta que “embora, eleito [bispo] alguns anos depois do falecimento de Dom Viçoso, ninguém o ignora, foi formado e educado pelo santo bispo, de quem também foi cópia fidelíssima nas virtudes e nos labores episcopais”.⁵⁴

Como padre do clero de Mariana, Silvério Gomes Pimenta, já se destacava em diferentes aspectos. Assim, ocupou altos cargos eclesiais: foi Vigário-Capitular da diocese de Mariana, no período de vacância após a morte de Dom Viçoso; Vigário-Geral de Dom Benevides; Bispo titular de Cãmaca (Armênia) e auxiliar de Mariana; e novamente Vigário-Capitular da diocese de Mariana, no período de vacância após a morte de Dom Benevides.

⁵¹ TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, 1953, p. 261.

⁵² Em todas as obras consultadas, há menção de que Dom Silvério era de “cor parda”. Fica claro para nós que ele não era branco, contudo, os termos “negro” ou “preto” não são empregados pelos autores, ao nosso ver, porque consideravam que não cairiam bem para uma pessoa com o cargo que ele detinha. Acontece, porém, uma tentativa, por meio de escolhas linguísticas, de branqueamento da figura de Dom Silvério.

⁵³ TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, 1955, p. 278.

⁵⁴ TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, 1953, p. 232.

Após cinco meses de vacância, o bispado de Mariana ganha um novo bispo titular, o primeiro que saia do próprio clero da diocese: Dom Silvério Gomes Pimenta, antes bispo de Cãmago e bispo auxiliar da diocese de Mariana, é nomeado bispo titular de Mariana em 3 de dezembro de 1896. Entre os dias 9 e 16 de maio de 1897, ocorreram as celebrações solenes de posse do bispado e entrada na Catedral de Mariana.

Como bispo de Mariana realizou diversos feitos tais como: criou, em Juiz de Fora, o Asilo Patrocínio para acolher os órfãos, incentivou a imprensa católica e fundou os jornais *O Viçoso*, *Dom Viçoso* e o *Boletim Eclesiástico*, promoveu a realização dos *Congressos Católicos Mineiros*, reorganizou a Cúria e o Seminário, ordenou cerca de 200 padres, contribuiu, diretamente, para a instalação da ferrovia na cidade de Mariana.

Muito além do seu tempo e superando todas as dificuldades que passou quando criança, Dom Silvério é lembrado como um homem de imensa erudição:

manejava o latim com a mesma elegância e facilidade com que escrevia o português. [...] Conhecia perfeitamente o Grego, leitura sua habitual, e o Hebraico, língua em qual saudou o Imperador, quando êste, em 1881, visitou Mariana. Lia o Árabe. Conhecia o Alemão. O Francês e o Italiano, falava-os e nesses idiomas correspondia-se freqüentemente com amigos na Europa.⁵⁵

Foi o primeiro eclesiástico membro da Academia Brasileira de Letras: “[o] primeiro Arcebispo de Mariana, que mereceu de sua pátria a suprema consagração que um homem de letras pode ambicionar no Brasil, foi artista primoroso da palavra escrita que não pretendeu jamais as honras de escritor”.⁵⁶

Em 1906, a diocese de Mariana é elevada à categoria de Arquidiocese e, conseqüentemente, o seu bispo, a arcebispo:

Era Bispo de Mariana o admirável varão e eminente brasileiro Dom Silvério Gomes Pimenta, sucessor de Dom Benevides, quando elevou a arquiépiscopal a veneranda Sé Marianense o Santo Padre Pio X pelo decreto *Sempiternam humani generis* da Sagrada Congregação Consistorial, de 1 de maio de 1906.⁵⁷

Tempos depois, após lutar contra uma enfermidade por quase dois meses, faleceu em 30 de agosto de 1922 o nono bispo e primeiro arcebispo de Mariana. Segundo Trindade, “[n]enhum dos

⁵⁵ TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, 1955, p. 307.

⁵⁶ TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, 1955, p. 302.

⁵⁷ TRINDADE, Cônego Raimundo. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional/Ministério da Educação e Saúde, 1945, p. 151.

seus antecessores, com exceção de Dom Viçoso, teve morte tão profundamente chorada pelo seu clero e pelo seu povo”.⁵⁸

A história da Arquidiocese de Mariana continua até o presente e diferentes figuras episcopais sucederam-se na primeira cátedra mineira (ver Figura 1). Contudo, como o documento que estudamos, o *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*, registra informações apenas de 1749 a 1904, optamos por fazer um levantamento, não aprofundado, dos bispos de Mariana que respeitasse esse período de tempo.

Considerações finais

No início da criação da sede primacial de Minas, alguns bispos relutaram em assumir a administração episcopal, o que deixou a diocese sem um bispo por um bom tempo. Uma análise, mesmo que rápida, da história dos bispos de Mariana nos permite afirmar que essas figuras públicas estiveram diretamente envolvidas em diversos fatos históricos de Minas Gerais e do Brasil.

A história dos bispos de Mariana também nos revela que, por muito tempo, a nomeação de um bispo, além de passar pelo aval do Sumo Pontífice (como ainda é hoje), passava pela aprovação do governo (monárquico ou imperial). Isso se justifica pelo fato de o governo civil-administrativo necessitar ter controle de todas as esferas sociais da época.

Como apontou Paiva (2006), as nomeações episcopais resultavam de processos muito complexos que evoluíram no decurso do tempo. O rei não decidia sozinho. A escolha dos bispos envolvia um número maior ou menor de pessoas e instituições que eram auscultadas e procuravam moldar a decisão final, cabendo a decisão final ao rei, na tomada da qual sopesava uma série de fatores como mérito e qualidades do indivíduo a nomear. Algumas questões geralmente eram levadas em consideração: os serviços já prestados ao monarca, as relações de parentesco que possuía, as redes clientelares em que se inseria, a adequação entre o nível da diocese e o estatuto social e prestígio do eleito.

O trabalho descritivo que aqui apresentamos não tinha por objetivo aprofundar na carreira de apenas um ou dois antístites, mas apresentar resumos biográficos e iconografias dessas figuras. É verdade que seria pertinente analisar a atuação destes bispos e arcebispos, bem como tentar perceber qual o perfil social de cada um, a sua formação, as suas carreiras pré-episcopais, o desempenho que

⁵⁸ TRINDADE, Cônego Raimundo. *Op. cit.*, 1955, p. 315.

evidenciaram enquanto titulares da mitra marianense, como exerceram o poder da ordem, a jurisdição e o magistério. Contudo, em virtude do espaço que temos, essa tarefa ficará para outros trabalhos.

Neste trabalho, tivemos a oportunidade de apresentar também as imagens e os brasões dos bispos da diocese de Mariana (com exceção de um bispo). Trata-se de um material iconográfico de grande importância para história e para a memória mineira, mas de pouca circulação.

Referências bibliográficas

- ACIOLI, Vera Lúcia Costa. **A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos**. 2. ed. Recife: UFPE/Massangana, 2003.
- ÁVILA, Affonso. **Resíduos Seiscentistas em Minas: textos do século do Ouro e as projeções do mundo barroco, a academia cultista do Áureo Trono Episcopal e a Festa do Triunfo Eucarístico**. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 2006.
- CAMÊLLO, Roque. **Mariana – assim nasceram as Minas Gerais: uma visão panorâmica da História**. Belo Horizonte: Nitro, 2016.
- DORES, Marcus Vinícius Pereira das. **O Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana (1749-1753): edição e glossário terminológico**. 2019. 172 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019a.
- DORES, Marcus Vinícius Pereira das. Relação dos trastes de prata e ornamentos da extinta capela de Santo Antônio (1856). **LaborHistórico**, v. 5, n. 1, p. 286-297, 2019b. Disponível em: <https://doi.org/10.24206/lh.v5i1.24859>. Acesso em: 01 set. 2019.
- KANTOR, Íris. Ritualidade pública no processo de implantação do bispado de Mariana (Minas Gerais 1745-1748). **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 28, p. 229-242, 2012. Disponível em: <http://ken.pucsp.br/revph/article/view/10438>. Acesso em: 15 maio 2020.
- MENEZES, William Augusto; FLAUSINO, Gabriele Cerceau; MENEZES, Rebecca Marques. Discurso, Identidade e Memória na Região dos Inconfidentes: temas e objetos em Estudos da Linguagem. In: SANTOS, Simone de Paula dos; MENEZES, William Augusto. (Orgs.). **Discurso, Identidade, Memória**. Fortaleza: Expressão, p. 15-33, 2015.
- PAIVA, José Pedro. **Os bispos de Portugal e do império, 1495-1777**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.
- ROCHA, Geraldo Lyrio. **Apresentação de Dom Geraldo na sessão de acolhida a Dom Airton**. 2018. Disponível em: <<https://arqmariana.com.br/noticia/1786/apresentacao-de-dom-geraldo-na-sessao-de-acolhida-a-dom-airton>>. Acesso em: 08 dez. 2018.
- RODRIGUES, Flávio Carneiro. **Os Relatórios Decenais dos Bispos de Mariana enviados à Santa Sé**. 3. ed. Mariana: Dom Viçoso, 2005. (Cadernos Históricos do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana).
- SANTOS, Patrícia Ferreira dos. **Poder e palavra: discursos, contendas e direito de padroado em Mariana (1748-1764)**. Dissertação (Mestrado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

- SANTOS, Patrícia Ferreira dos. A Coroa e a Mitra no espaço público: representação de poder nas festas e cerimônias litúrgicas do século XVIII em Minas Gerais. **Horizonte**, v. 9, n. 20, p. 64-82, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2011v9n20p64>>. Acesso em: 01 set. 2019.
- SANTOS, Patrícia Ferreira dos. **Carentes de justiça**: juizes seculares e eclesiais na "confusão de latrocínio" em Minas Gerais (1748-1793). 455 p. Tese (Doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.
- TRINDADE, Cônego Raimundo. **Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional/Ministério da Educação e Saúde, 1945.
- TRINDADE, Cônego Raimundo. **Arquidiocese de Mariana**: subsídios para sua história. 2. ed., 1 v. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1953.
- TRINDADE, Cônego Raimundo. **Arquidiocese de Mariana**: subsídios para a sua história. 2. ed. 2 v. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1955.
- VILLALTA, Luiz Carlos. A Igreja, a sociedade e o clero. *In*: RESENDE, Maria Efigenia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos. (Orgs.). **História de Minas**: As Minas Setecentistas. v. II. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. p. 25-57.